**Resumo: Otta, E. & Bussab, V. (2021). Empatia, Altruísmo e Comportamento Pró-social. Estados Afetivos. EDUSP**

**As autoras discutem a pesquisa sobre comportamento pró-social e seus elementos-chave.**

**Apresentam diversas definições do conceito de empatia: as que apresentam esse mecanismo psicológico como apenas cognitivo, as que apresentam como apenas emocional; demonstra-se que na verdade existem dois centros empáticos, um cognitivo e um emocional, com sedes neuronais separadas, e propõe-se que a empatia envolve tanto aspectos cognitivos quanto emocionais. O altruísmo seria o mecanismo de cálculo do custo-benefício em se ajudar outro indivíduo que regula a empatia; tal cálculo é influenciado pelo contágio emocional entre quem ajuda e quem é ajudado; portanto não é simplesmente o fitness evolutivo de ambos que entra na equação, mas também os mecanismos fisiológicos de percepção do outro, como a ação dos neurônios-espelho que permite a compreensão e identificação dos estados emocionais entre os indivíduos através da representação corporificada, onde o organismo do observador repete as respostas fisiológicas do observado.**

**As autoras demonstram a importância da socialização e do contato afetivo para o desenvolvimento adequado das respostas fisiológicas empáticas durante a primeira infância, mostrando que bebês que não recebem afeto e socialização adequados demonstram atraso ou ausência de percepção empática da dor do outro e da correspondente ação altruística de consolo. A partir dessa observação, concluem ser necessária uma revisão da abordagem de pesquisa sobre empatia e altruísmo, para que se incluam os complexos aspectos neurofisiológicos e sociais que os regulam.**

**Questões: Gallese, V., Eagle, M. N., & Migone, P. (2007). Intentional attunement: Mirror neurons and the neural underpinnings of interpersonal relations. *Journal of the American psychoanalytic Association*, *55*(1), 131-175.**

1. **Existem trabalhos acadêmicos demonstrando um viés étnico em relações de empatia entre indivíduos (Chiao e Mathur, 2010, Neumann et. al, 2013) inclusive no nível fisiológico, que são utilizados para defender o Modelo de Vantagem Cultural. Neste modelo, grosseiramente, pode-se entender a empatia como uma característica que teria surgido para se proteger os genes compartilhados por um grupo contra a miscigenação com outros. Por outro lado, também há estudos demonstrando que pessoas apresentam empatia em relação a pessoas de outras etnias (Soto e Levenson, 2009), o que apóia o Modelo de Equivalência Cultural, que propõe que a empatia é um caráter genético antigo na filogenia, que não privilegiaria etnias, e sim membros da própria espécie em relação a outras. Considerando o momento sócio-político atual, vemos que há um processo ativo de desumanização de minorias baseado no preconceito não apenas étnico como também social, sexual e de gênero. Esse processo de desumanização do outro é comum em períodos de guerra, porque ao despir o inimigo de características humanas e atribuir-lhe características animalescas e repulsivas, facilita-se a justificação da violência contra este. Portanto, podemos admitir que a empatia depende da visão que a pessoa tem de si mesma, sua percepção de self. Nessa premissa, podemos entender que ao manipular-se a percepção de self de um grupo através da desumanização do outro, é possível perverter o mecanismo de empatia e altruísmo e utilizá-lo como instrumento de controle social?**

**Referências:**

Chiao JY, Mathur VA. Intergroup empathy: how does race affect empathic neural responses? Curr Biol. 2010 Jun 8;20(11):R478-80. doi: 10.1016/j.cub.2010.04.001. PMID: 20541493.

**Neumann, David & Boyle, Gregory J. & Chan, Raymond. (2013). Empathy towards individuals of the same and different ethnicity when depicted in negative and positive contexts. Personality and Individual Differences. 55. 8-13. 10.1016/j.paid.2013.01.022.**

Soto, J. A., & Levenson, R. W. (2009). Emotion recognition across cultures: the influence of ethnicity on empathic accuracy and physiological linkage. *Emotion (Washington, D.C.)*, *9*(6), 874–884. https://doi.org/10.1037/a0017399